

Um lugar de memória e de esquecimento: Santa Librada, padroeira da Independência da Colômbia

A place of memory and oblivion:

Santa Librada, the patron saint of Independence in Colombia

Jaime de Almeida*

RESUMO

Uma imagem religiosa de obscuras origens medievais tornou-se casualmente objeto de um culto cívico religioso voltado para a construção da memória da Independência da Colômbia. Em meio às políticas de memória ativadas pelo Bicentenário, cabe perguntar pelos esquecimentos e silêncios que são parte constituinte e necessária desse típico lugar de memória.

Palavras-chave: Santa Librada; memória da Independência; Colômbia.

ABSTRACT

A religious image with obscure medieval origins became by chance the core of a civic religious cult aimed to the construction of the memory of Colombian Independence. Among the policies of memory activated by the Bicentenary, the silence and oblivion as necessary components of such a typical 'place of memory' need to be examined.

Keywords: Santa Librada; memory; Colombian Independence.

O desafio do Bicentenário permite relançar a discussão acerca da singular ausência de uma simbólica feminina da Independência na América Latina. Pelo menos na Colômbia, a imagem crucificada de Santa Librada nos sugere algumas novas luzes e também projeta certas nuances no cenário da memória histórica saturada pelo mito solar bolivariano.

A hagiografia de Santa Librada é muito controvertida. Sua origem seria galaico-portuguesa. Suas relíquias foram levadas de Sainte-Livrade-sur-Lot na Aquitânia a Sigüenza, praça forte retomada aos mouros em 1124, pelo bispo Bernardo de Agen. A representação iconográfica constitui o principal motivo das controvérsias hagiográficas em torno de Santa Librada. As primeiras ima-

* Professor da Universidade de Brasília (UnB). Instituto de Ciências Humanas – IH – Campus Universitário Darcy Ribeiro – ICC – Ala Norte – Mezanino – sala B1-606 (minhocão norte). 70.910-900 Brasília – DF – Brasil. jaimeida@terra.com.br

gens ligadas às suas relíquias são dois carimbos do século XIII ou XIV, do Priorado de Santa Librada, obra pia feminina ligada à catedral de Sigüenza. Aí estão indicados os atributos das virgens martirizadas pela espada: a palma e o gládio. Antonio Contreras pintou-a com técnica ingênua a óleo sobre madeira em 1511, substituindo a espada por um livro e a coroa por um ramo de louros. Entre 1515 e 1518 foi construída no interior da catedral, por ordem do bispo Fadrique de Portugal, a capela de Santa Librada, na qual foram depositadas as relíquias da santa. Juan Soreda pintou cinco cenas da vida de Santa Librada e suas oito irmãs gêmeas no retábulo maneirista do altar da capela em 1525-1526. Uma das cenas é a decapitação de Santa Librada. Na inauguração da capela, a diocese procurou imprimir um Lecionário do século XII em que constava a *Vita et Passio Sanctae Liberatae*, atribuída ao próprio bispo Bernardo de Agen. Ao que parece, tal iniciativa não se concretizou; mas, entre 1561 e 1566, uma tradução quase integral do texto latino para o castelhano foi divulgada como livro de cordel, provavelmente pelo impressor Sebastián Martínez. A modalidade de martírio de Santa Librada está bem definida numa cópia manuscrita do original latino, feita em 1616: “capitis abscissione martyrium consummavit”.¹

Esse empenho no estabelecimento da iconografia da santa parece responder à proliferação de outras versões que não correspondiam aos documentos arquivados na catedral de Sigüenza. Em muitas regiões da Europa, cultuava-se uma santa chamada Wilgefortis, Kümmeris, Comba (em Portugal), Uncumber etc., que se representava crucificada e, mais frequentemente, barbuda: a jovem teria implorado a Deus que a tornasse repelente para manter o voto de castidade. Tais imagens da santa barbuda na cruz decorreriam possivelmente de equívocos na interpretação de xilogravuras de uma famosa imagem do Cristo em Majestade cultuada em Lucca, na Toscana, conhecida como *Il Volto Santo* (a Santa Face). Supostamente esculpida na madeira da verdadeira cruz por São Nicodemos, a imagem teria viajado da Palestina à Itália no século VIII. A túnica oriental do *Volto Santo* de Lucca, mal reproduzida nas xilogravuras, teria sido confundida com uma roupa feminina. O foco mais visível de difusão de imagens femininas crucificadas (nem sempre barbudas) é a região de Flandres, a partir do século XV.² É de Hieronymus Bosch um enigmático *Tríptico da Mártir Crucificada*, hoje no Palácio Ducal de Veneza. Alguns consideram que a figura central da composição seria santa Júlia de Cartago, padroeira da Córsega, e outros a veem como Santa Librada acompanhada por santo Antônio de Lisboa.

A história de Santa Librada se complica em plena época dos ‘falsos cronicões’. Em fins do século IV, são Jerônimo dedicara seu *De viris illustribus* a seu amigo barcelonês Lucius Flavius Dexter, referindo-o como autor de um extenso relato sobre a Ibéria paleocristã. No início do século XVII o jesuíta Jerónimo Román de la Higuera, professor de Filosofia em Toledo, fez circular notícia da descoberta de uma cópia daquela crônica na abadia de Fulda e logo publicou, em 1619, a obra *Fragmentum chronici sive omnimodaie historiae Flavii Lucii Dextri*, que teve enorme repercussão. Entre muitas informações capciosamente introduzidas no chamado *Pseudo-Dexter*, Román de la Higuera entrelaçou os dados dos arquivos seguntinos relativos à santa e suas oito irmãs gêmeas com as lendas em torno de Wilgefortis, especialmente a morte por crucificação. As próprias autoridades da diocese de Sigüenza logo passaram a identificar Santa Librada e Wilgefortis, conceito confirmado pela Sagrada Congregação dos Ritos em 1625. O dia de Santa Librada, que era até então 18 de janeiro, passou a ser 20 de julho, dia de Santa Wilgefortis.

Por isso, Diego Ladrón de Guevara, fidalgo nascido em 1641 em Cifuentes (diocese de Sigüenza) que estudou no Real Colégio de Alcalá de Henares e doutorou-se em cânones na Universidade de Sigüenza, não devia ter dúvida alguma quanto às imagens crucificadas de Santa Librada que entronizou no continente americano quando atuava como bispo de Panamá (1689-1699), Huamanga, hoje Ayacucho (1700-1704) e Quito (1706-1710), e em Lima, onde foi vice-rei interino (1710-1716), antes de falecer no México em 1718. Uma imagem de Santa Librada talhada em madeira, policromada e encarnada num ateliê quitenho, foi enviada à igreja de são João de Deus que se construía em Santa Fé de Bogotá em 1723. Diferentemente das imagens espanholas deixadas por Diego Ladrón de Guevara na igreja de Santa Liberata no bairro do Rímac, em Lima (à esquerda), e na catedral de Quito (de onde foi transferida à igreja de Mosteiro da Conceição; à direita), a imagem talhada em Quito não tem os pés e mãos cravados à madeira e não sangra. Atados à cruz, os braços abrem-se em arco lançando as mãos para o céu; ela parece estar sempre pronta a sair em procissão pelas ruas, leve como uma bailarina. A imagem já constava de um inventário feito em 1726.³



Um primeiro sinal da relação entre Santa Librada e a independência da Nova Granada aparece num velho caderno divulgado por Eduardo Posada no *Boletín de Historia y Antigüedades de la Academia Colombiana de Historia* em 1922. Segundo o manuscrito, durante a noite de 20 de julho de 1810, quando os patriotas de Santa Fé de Bogotá já começavam a prender os espanhóis, correu o boato de que eles pretendiam incendiar casas para provocar o pânico nos bairros mais populosos, e que “habían salido a degüello, por señora y abogada de este reino a Santa Librada”⁴

Tratava-se da santa do próprio dia 20 de julho no santoral católico; seu nome evocava inequivocamente a Liberdade; e sabemos que existia uma imagem de Santa Librada na igreja de São João de Deus. Talvez aqueles espanhóis tivessem conhecimento do protagonismo da padroeira de Sigüenza na guerra contra os franceses em território espanhol onde circulavam pastorais de bispos, catecismos e folhas soltas sacralizando a guerra. Os espanhóis reagiam ao saqueio das igrejas, e essa dimensão religiosa da guerra ecoou na América: em setembro de 1810, um estandarte da Virgem de Guadalupe recolhido pelo padre Hidalgo no santuário de Atotonilco conduziria o povo revoltado no México. Notícias de Santa Librada e de sua cidade haviam sido recentemente divulgadas. Em 1806, o deão da catedral de Sigüenza publicara um livro contestando a confusão entre Santa Librada e Wilgefortis provocada pelo *Pseudo-Dexter* de Jerónimo Ramón de la Higuera, questionando entre outros temas a crucificação e a data de 20 de julho. Mais recentes e impactantes devem ter sido as notícias de profanação da catedral de Sigüenza (como outras) pelos franceses e do roubo das coroas de Santa Librada e de São Sacerdote em julho de 1809. O famoso guerrilheiro conhecido como El Empecinado fustigava os franceses na região, onde se constituiu em maio de 1810 o batalhão de Atiradores de Sigüenza.⁵

Um apelo muito mais otimista e duradouro à santa padroeira do dia 20 de julho foi feito em Bogotá cinco semanas mais tarde por Manuel del Socorro Rodríguez no seu efêmero jornal *La Constitución Feliz*. Aí se explicitava oficialmente um vínculo estreito entre a data, a santa e o destino da Nova Granada:

En la tarde del viernes 20 de julio, día de Santa Librada, parece que por un arcano misterioso de la Divina Providencia, estaba decretada la libertad de esta capital y de todo el Reino.⁶

A 20 de julho de 1811 festejou-se o primeiro aniversário da Junta Suprema com luminárias, missa solene na catedral e desfile militar com salvas de mos-

quetes e de canhões na Huerta de Jaime, no subúrbio. O sermão do agostiniano José Antonio Chavarría na missa solene deve ter relacionado Santa Librada com o sentido da comemoração. As crônicas não fazem referência à sua imagem, que permanecia na igreja de São João de Deus.⁷

Um novo encontro entre Santa Librada e o processo da independência em Bogotá ocorre num contexto festivo que se abre às vésperas do Natal de 1811 e ocupa todo o mês de janeiro de 1812. Antonio Nariño, que fora deportado em 1793 por traduzir a Declaração dos Direitos do Homem, tendo assumido interinamente a presidência do estado de Cundinamarca em setembro de 1811, confirmava agora oficialmente sua posição. A 2 de janeiro uma alegoria da Liberdade, parecida com aquela dos festejos de assinatura da ata da liberdade em julho de 1811 em Caracas, também surgiu num salão do colégio de São Bartolomeu: uma jovem índia com um cocar de plumas na cabeça, caracóis e flechas às costas. Sentada sobre um crocodilo, tinha ao lado uma cornucópia de frutas do país, o sol nascente e a esfera terrestre. No seu escudo viam-se a tiara e as chaves de São Pedro e a inscrição: “religião, pátria, liberdade, união”. Tanto respeito à religião e ao clero contrasta com o republicanismo laico da alegoria venezuelana em que a índia, também sentada junto ao crocodilo, tem uma lança com gorro frígio.⁸ A precaução foi tomada certamente em razão do grave conflito aberto em 16 de dezembro com o arcebispo Juan Bautista Sacristán que, por recusar-se a reconhecer as autoridades patriotas de Bogotá, fora declarado perpetuamente inadmissível.

No sábado 3 de janeiro o cabildo de Bogotá organizou uma festa de Santa Librada em homenagem ao presidente Nariño. O teólogo franciscano Francisco Antonio Florido proferiu um sermão que foi impresso.⁹ Em julho, José María Caballero acompanhava uma expedição militar do presidente Nariño contra os federalistas e não registrou a comemoração da independência de Cundinamarca (e de Santa Librada) em 1812.

A imagem de Santa Librada concentrou a atenção coletiva em Bogotá na tarde de 19 e na manhã de 20 de julho de 1813, justamente quando se jurava adesão à declaração de independência total de Cundinamarca e começava a destruição dos símbolos da monarquia.¹⁰ Nariño mobilizara com êxito imagens de santos na defesa da cidade contra as tropas federalistas das Províncias Unidas (que, tal como os realistas, também recorriam a imagens religiosas na guerra civil) e não devia desconhecer as experiências de uso de símbolos e rituais na revolução francesa, nem a força dos emblemas católicos na guerra dos ibéricos contra Napoleão Bonaparte. Caballero registrou em seu diário:

[19 de julho:] salió la representación nacional con el señor presidente [Antonio Nariño] a la iglesia de San Juan de Dios, a traer a Santa Librada en procesión a la catedral, para la fiesta de mañana; estuvo muy lucido; vino la comunidad acompañando; hubo iluminación general [20 de julho:] Se formaron todas las tropas para la asistencia de la representación nacional a la catedral, a la fiesta de Santa Librada, en la que predicó el padre Florido un sermón famoso, de hora y cuarto, de independencia. Acabada la misa, se descubrió Su Majestad y se cantó el *Te Deum* ... Después se hizo el juramento de independencia; el primero que juró fue el señor presidente, en manos del secretario; y de ahí fueron jurando todas las corporaciones, prelados, eclesiásticos, colegios, síndicos y cabildos eclesiástico y secular y todos los demás.¹¹

Em setembro, Nariño marchou com tropas de Cundinamarca e das Províncias Unidas rumo ao sul controlado pelos monarquistas, onde veio a ser derrotado e preso em Pasto, em maio de 1814. Nessas circunstâncias, a comemoração do 20 de julho foi menos entusiástica. Tal como no ano anterior, a imagem de Santa Librada foi trazida em procissão na véspera até a catedral. O agostiniano padre Bonilla pronunciou o sermão da missa solene. Em dezembro, pouco depois de uma enchente e de um terremoto relativamente leve, a orgulhosa capital de Cundinamarca foi vencida por tropas federalistas comandadas pelo venezuelano Simón Bolívar, e saqueada por três dias.

Na condição de capital das Províncias Unidas da Nova Granada, Bogotá comemorou festivamente o 20 de julho de 1815. Dois dias antes chegara a notícia de uma grande vitória contra os realistas no sul; a festa começou com uma novena composta por Miguel Antonio Escalante, presbítero da ordem de São João de Deus. Começando com Librada, o texto progride com Liberdade e Libertadora, e culmina com Liberal. A cada estrofe repetia-se o refrão: “Sed nuestra Libertadora / En la vida y en la muerte”.¹² O cronista Caballero mostra como se entrelaçavam civismo e religião, o culto aos heróis, a evocação neoclássica da Antiguidade e da Conquista, a Independência, Santa Librada e Nossa Senhora das Neves:

A 19 ... se trajo de San Juan de Dios a Santa Librada, con toda la ostentación posible; asistió el gobierno provincial; hubo refresco y baile en palacio, en celebración del aniversario de nuestra transformación política. Al baile asistieron 175 señoras, carracas, y adictas al gobierno, y otros tantos hombres de la misma opinión. Esta noche se estrenó la sala de palacio ... En seguida se sirvió un refresco costado por el Estado ... A 20 fue la misa de gracia, con asistencia de to-

das las corporaciones y el gobierno general. Hubo tres descargas de fusileros y de cañones en la Huerta de Jaime. Predicó un gran sermón el doctor Sotomayor, cura de Mompós. Por la tarde hubo toros, y a la noche dieron las señoras una gran comedia de la conquista, cosa famosa. El coliseo se iluminó con ceras; había diez arañas de cristal. La entrada libre por boletines, que se repartieron 2.000...¹³

O autor do sermão de Santa Librada, frei Juan Fernández de Sotomayor, nascido em Cartagena, aluno do dirigente federalista Camilo Torres (o grande rival de Antonio Nariño), já publicara o célebre *Catecismo o Instrucción popular*. Ao contrário da novena do bogotano Miguel Antonio Escalante que se rezou por vários dias, Santa Librada não foi sequer citada no sermão como a santa padroeira do dia 20 de julho.¹⁴

Em junho de 1816, na cidade reconquistada pelos espanhóis, as magníficas festas em desagravo à imagem de Nossa Senhora de Chiquinquirá contrastam com sua passagem furtiva pela cidade, em maio, na retirada das tropas do tenente coronel Manuel Roergas de Serviez que tentara em vão fazer dela a protetora da causa patriótica. Aterrado, Caballero registrou o fuzilamento de patriotas no próprio dia de Santa Librada.

Com a vitória de Boyacá em agosto de 1819 e a entrada triunfal de Simón Bolívar em Bogotá, novos heróis, quase todos militares, opacaram a memória daquele passado recente que depois seria chamado *Pátria Boba*. O simbolismo e a ritualização de Santa Librada, que estavam no cerne do projeto político centralista de Cundinamarca liderado por Antonio Nariño, não cabiam no repertório ritual e simbólico, nem nas políticas de memória da grande República de Colômbia. As festas nacionais foram concentradas na época dos regozijos natalinos, longe do mês de julho. Desde 1820 o dia 28 de julho tornou-se festivo pelo aniversário do Libertador. São Simão, cuja festa se considera o mais importante laboratório para o estudo do vocabulário laudatório bolivariano, passou a ter mais devotos que Santa Librada em Bogotá.¹⁵ Enfim, em matéria de imagens femininas para as políticas de memória da independência, destaca-se o culto republicano a Policarpa Salavarrieta iniciado em janeiro de 1820. Mas o Hospital Militar no bairro de Las Aguas, em Bogotá, e o colégio republicano de Cali foram dedicados a Santa Librada pelo vice-presidente Francisco de Paula Santander, talvez por considerá-la um símbolo adequado para aproximar duas regiões neogranadinas – o Vale do Cauca federalista e Cundinamarca centralista – sob o imenso e heterogêneo dossel da Pátria Grande bolivariana.

Uma curtíssima notícia de procissão de Santa Librada, após 14 anos de

silêncio, foi publicada em julho de 1829. Encerrada a repressão contra os conspiradores que haviam tentado assassinar o ditador-presidente Simón Bolívar na noite de 25 de setembro de 1828, este cuidava dos assuntos da guerra contra o Peru no Equador, de onde só retornaria em janeiro do ano seguinte. Talvez em resposta à procissão, num decreto de 28 de julho de 1829 o prefeito de Cundinamarca Pedro Alcántara Herrán determinou luto rigoroso no dia 25 de setembro, em memória do

atentado mas escandaloso que ecsiste en la historia Americana ... que ya que es imposible ahogar su recuerdo en las tinieblas del olvido, deben tambien conservarse la memoria del llanto amargo que ecsitó en los verdaderos patriotas.¹⁶

Criada a República da Nova Granada, com seu primeiro presidente Francisco de Paula Santander reaparecem oficialmente as procissões de Santa Librada. Percebe-se desde então um jogo sutil entre o próprio acontecimento e sua divulgação pela imprensa. Por mais de um século, jornais e memorialistas insistirão em enfatizar o caráter tradicional da procissão, especialmente ao quebrar novo silêncio de muitos anos a seu respeito. Mas seria temerário afirmar que Santa Librada saía todos os anos regularmente em procissão.

Este gráfico mostra no box de cor ■ 53 anos em que já encontramos notícias seguras de procissões de Santa Librada nos festejos cívicos do dia 20 de julho em Bogotá. O box de cor ■ indica menções significativas ao protagonismo de Santa Librada ou à importância histórica de sua procissão:

1810	1820	1830	1840	1850	1860	1870	1880	1890	1900	1910	1920	1930	1940	1950	1960	1970	1980	1990	2000
1811	1821	1831	1841	1851	1861	1871	1881	1891	1901	1911	1921	1931	1941	1951	1961	1971	1981	1991	2001
1812	1822	1832	1842	1852	1862	1872	1882	1892	1902	1912	1922	1932	1942	1952	1962	1972	1982	1992	2002
1813	1823	1833	1843	1853	1863	1873	1883	1893	1903	1913	1923	1933	1943	1953	1963	1973	1983	1993	2003
1814	1824	1834	1844	1854	1864	1874	1884	1894	1904	1914	1924	1934	1944	1954	1964	1974	1984	1994	2004
1815	1825	1835	1845	1855	1865	1875	1885	1895	1905	1915	1925	1935	1945	1955	1965	1975	1985	1995	2005
1816	1826	1835	1846	1856	1866	1876	1886	1896	1906	1916	1926	1936	1946	1956	1966	1976	1986	1996	2006
1817	1827	1837	1847	1857	1867	1877	1887	1897	1907	1917	1927	1937	1947	1957	1967	1977	1987	1997	2007
1818	1828	1838	1848	1858	1868	1878	1888	1898	1908	1918	1928	1938	1948	1958	1968	1078	1988	1998	2008
1819	1829	1839	1849	1859	1869	1879	1889	1899	1909	1919	1929	1939	1949	1959	1969	1979	1989	1999	2009

Observemos que em todos os anos rezava-se oficialmente a Santa Librada em todos os lugares católicos durante a missa do dia 20 de julho, até a época do Concílio Vaticano II (e do Sesquicentenário da Independência). Na topônimo seguia, tal como permanece até hoje, bem visível o nome de Santa Librada. E mais: indiferentemente às conjunturas políticas, a imagem da santa devia atrair a atenção de seus devotos em são João de Deus e outras igrejas para onde a levaram mais tarde, até que se tornou uma simples peça do acervo da Casa Museu do Vinte de Julho, inaugurado em 1960.

Vimos que o apelo ritual e simbólico à santa padroeira do dia 20 de julho, criado por Antonio Nariño em meio à guerra civil da mal chamada Pátria Boba, foi apropriado pelos adversários políticos de Simón Bolívar a partir da ruptura fatal de setembro de 1828. Boa parte dos eclipses das procissões de Santa Librada no nosso gráfico decorre do protagonismo de Tomás Cipriano de Mosquera (1798-1878) na construção da memória de Simón Bolívar. Membro da aristocracia *criolla* de Popayán, sobrinho de um presidente do Conselho da Regência da Espanha, ajudante-de-campo, secretário pessoal e membro do Estado Maior de Bolívar, Mosquera foi quatro vezes presidente. Seu genro e sócio Pedro Alcántara Herrán (autor do decreto de 1828 que impôs a comemoração da Conspiração Setembrina) foi presidente da Nova Granada entre 1841 e 1845.

Desde sua primeira presidência (1845-1849), a *Plaza Mayor*, o lugar de memória mais central de Bogotá, passou a chamar-se *Plaza de Bolívar* e a ter no centro a estátua doada por José Ignacio París. No pátio Norte do Capitólio Nacional, que Mosquera mandou construir em 1847 junto à Praça de Bolívar, os baixos-relevos do pedestal de sua própria estátua mostram as principais realizações de seu primeiro governo: navegação a vapor do rio Magdalena, a estrada que liga o porto fluvial de Honda à capital, o Capitólio Nacional, o Instituto Militar e o progresso da imprensa, por exemplo. Simón Bolívar pediu a seus companheiros mais próximos em 1829 que o defendessem das críticas dos liberais à Constituição que redigiu para a Bolívia e ao seu Decreto Orgânico que instituiu a ditadura na República de Colômbia. Mosquera estava nos Estados Unidos em janeiro de 1831 quando soube da morte de Bolívar, e publicou um necrológio em dois jornais de Nova York que foi reimpresso em jornais europeus. Exaltou a memória do Libertador junto ao presidente Andrew Jackson e ao ex-rei da Espanha José Bonaparte. Na Europa, visitou antigos colegas do Estado Maior de Bolívar, o príncipe Talleyrand, o rei Luís Felipe, o ex-imperador do Brasil e sua filha Maria da Glória, rainha de Portugal, o rei da Sardenha, o papa Gregório XVI e várias sociedades científicas,

sempre comparando Bolívar a Napoleão Bonaparte e rebatendo as críticas de Benjamin Constant e de Francisco de Paula Santander. A 20 de julho de 1846, quando inaugurava o monumento a Bolívar, o presidente Mosquera publicou *Fragmentos de la Memoria sobre la vida del General Simón Bolívar* no jornal bogotano *El Día*. Em 1853, publicou em Nova York a primeira parte da biografia do Libertador. Concluiu a segunda parte em 1870 no exílio; a Academia de História a publicou em 1917 no Centenário da Independência.¹⁷

O ritualismo de Santa Librada retomou visibilidade e novos ingredientes simbólicos na radicalizada época de 1848 a 1854. O programa de 88 páginas da festa de 20 de julho de 1849, organizada pela Sociedade Filantrópica, relaciona a procissão com manumissão de escravos, gorros frígios, banquetes de rua, concertos, touradas, balões e distribuição gratuita de chicha. A recuperação de Santa Librada pelos liberais parece ter sido criticada, pois algumas semanas depois os conservadores foram acusados de ter apelado, na guerra civil de 1840, à “mais grosseira superstição”, fazendo procissões com a imagem de Jesus Nazareno identificado como general do exército.¹⁸

Na procissão noturna de 19 de julho de 1849 em Bogotá, três grupos bem identificados trazem a imagem de Santa Librada desde são João de Deus até a catedral: a Sociedade de Artesãos, alunos dos colégios Militar, do Espírito Santo e da Concórdia, e um “grupo de patriotas” com o presidente José Hilario López e seus secretários de Estado. Já na procissão da noite de 23 que devolve a imagem a são João de Deus, os artesãos não são citados. O detalhe sugere que a tradição criada por Nariño havia sido apropriada pelos liberais santanderistas ou gólgotas, que se opunham aos liberais draconianos.¹⁹

O cenário do 20 de julho de 1850 comemorado na cidade de Neiva também faz pensar nas festas cívicas projetadas por Jean-Jacques Rousseau, experimentadas na Revolução Francesa, e em exemplos recentes da Revolução de 1848 em Paris. Sob uma árvore frondosa às margens de um rio, com banquete cívico e manumissão de escravos, o discurso de José María Rojas Garrido recuperou da *Constitución Feliz* de 1810 (ver nota 7) a concepção providencialista de Santa Librada:

el 20 de Julio de 1810 ... nos ha dejado un recuerdo monumental. Era el día de Santa Librada, y estaba registrado entre los arcanos de la Providencia para vengar los ultrajes del nuevo mundo y ejercer el acto más imponente de su severa justicia.²⁰

O *Panegírico de Santa Librada*, do vigário interino Paulino Antonio Olivos em 1855, mostra um estado de espírito radicalmente distinto a propósito

do culto à padroeira do 20 de julho, poucos meses após a queda da curta ditadura militar do general Melo que fora apoiada pelos draconianos. Na catedral rodeada de escombros dos combates recentes, Olivos afirmou que a nação mais feliz é aquela em que os cidadãos temem o castigo. Toda a violência e confusão do processo de independência nada mais teria sido que o movimento consciente do povo católico frente ao despotismo do monarca espanhol. Simón Bolívar queria a ordem com a independência e a liberdade, sempre sob os auspícios da religião. O que se via agora era uma jovem e desgraçada República, guerras fratricidas, a religião desprezada, o sacerdote perseguido. Para alcançar o progresso bem entendido, todos deviam ser “escravos da lei, não confundindo a libertinagem com a liberdade”. O doutor Paulino Olivos parece revisar a Novena de 1815 em que frei Miguel Antonio Escalante encadeara as palavras Librada, Libertadora, Liberdade e Liberal. A nação devia sua independência à religião católica e especialmente a Simón Bolívar, mas a Liberdade se corrompera em Libertinagem. Santa Librada só aparece como Pilatos no Credo: é aquela “Librada vossa Serva sob cujos auspícios lançaram nossos pais os alicerces da República e cuja festa solenizamos”. Invertia-se a cadeia de conceitos da antiga novena: contra a Libertinagem, por uma Liberdade bem entendida como Servidão a Deus.²¹

A nova reaparição das procissões de Santa Librada tem um protagonista muito especial: Manuel Murillo Toro (1816-1880). Como jovem funcionário público, certamente participou das procissões de 1835, 1836 e 1837 com o presidente Santander. Mais tarde, como secretário da Fazenda do presidente José Hilario López, participou da procissão de Santa Librada de 1849. Na sua primeira presidência (1864-1866), não encontramos ainda notícia de procissões. Em compensação, antes, durante e depois de sua segunda presidência (de abril de 1872 a abril de 1874), Santa Librada saiu às ruas por cinco anos consecutivos. O contexto era o federalismo, o chamado Olimpo Radical, hegemonia dos liberais gólgotas. Em 1871, Bogotá foi confirmada como capital dos Estados Unidos de Colômbia. Em maio de 1873 o 20 de julho tornou-se festa nacional, reafirmando a centralidade da capital e abrindo caminho para a projeção do culto cívico a Santa Librada por todo o território nacional. Os triunfos da imagem de Santa Librada nos festejos pátrios da primeira metade da década de 1870 coincidem com o começo do ocaso político de Tomás Cipriano de Mosquera, com a oficialização do simbolismo da Marianne pela Terceira República na França, e com a apoteose do culto a Simón Bolívar em Caracas sob a presidência de Guzmán Blanco.²²

No início da segunda presidência de Murillo Toro, em 1872, os presbíte-

ros Bernardo Herrera Restrepo e Joaquín Pardo Vergara, jovens assessores do arcebispo Vicente Arbeláez, criaram um novo modelo para a procissão de Santa Librada, incorporando a imagem do Cristo dos Mártires, da igreja da Veracruz, que acompanhava desde o século XVII os condenados à morte, desde a prisão até o lugar de suplício e à sepultura. Apesar do apelo explícito à memória exclusiva das vítimas da repressão espanhola dos anos 1816-1819, a imagem concentra as memórias de todos os que passaram pelos cadafalsos erguidos em Bogotá, desde muito antes e até muito depois da independência: bandidos, desesperados, adversários derrotados por um ou outro partido governante. O Cristo dos Mártires evoca-os indistintamente, de modo que a sacralidade da comunhão de todos esses mortos, atualizada pela procissão de Santa Librada, acrescentava ao emblema da Liberdade acionado por Antonio Nariño em 1813 uma nova e poderosíssima carga simbólica.

Passado o Olimpo Radical, quase não há registros de procissões de Santa Librada sob o regime fortemente centralizador e conservador da Regeneração instaurado pelo ex-liberal radical Rafael Núñez. Festejou-se com muitas pompas o centenário de nascimento de Simón Bolívar (1883); a Concordata com o Vaticano comprometeu o país a pagar uma indenização perpétua à Igreja Católica pela expropriação de seus bens de mãos-mortas durante as reformas liberais, submetendo o sistema educacional ao controle clerical etc. Surpreendentemente, Santa Librada protagoniza um milagre durante a Guerra dos Mil Dias. Segundo uma lenda que tem características de mito de origem da nação panamenha, Santa Librada protegeu a população da província de Azuero em 1900, afastando um barco de guerra do governo conservador que, sem aquela sua intervenção, teria assolado aquele território liberal.²³ Las Tablas, capital da província, é o principal centro de devoção religiosa à santa – que tem aí quatro imagens muito veneradas – e também a cidade natal do dirigente liberal Belisario Porras, que certamente assistira às procissões de Santa Librada em Bogotá, onde estudou na década de 1870.

O silêncio ao redor de Santa Librada prossegue na imprensa da Colômbia conservadora e hispanista consagrada ao Sagrado Coração de Jesus em 1902. Em 1910, o programa da sua procissão aparece nos jornais e no álbum comemorativo do Centenário, mas não se cogitou em dar-lhe o privilégio de ser fotografada. Um quadro a óleo de Santa Librada foi doado ao Colégio republicano que tem o seu nome em Cáli, justamente quando se completavam em 1913 os cem anos da primeira procissão em Bogotá.



Nesta gravura de Pepe Gómez, publicada quando se encerrava o Centenário da Independência, estão em jogo os 25 milhões de dólares logo seriam pagos pelos Estados Unidos à Colômbia a título de indenização pela perda do Canal de Panamá.

O que mais nos interessa discutir é a forma como Pepe Gómez representou a Pátria, mesclando duas representações simbólicas quase opostas na época: a alegoria laica da República, ou da Liberdade, ou da Pátria, criada pela Revolução Francesa, e a iconografia religiosa do Cristo na cruz.

Se não fosse a presença explícita da inscrição INRI, poderíamos talvez ignorar a intenção consciente de uma colagem polêmica e concentrar-nos em detalhes como a cruz em T (normalmente se representa o Cristo numa cruz latina) ou as mãos atadas e não cravadas.

Mas está claro que Pepe Gómez queria mesmo chocar os colombianos substituindo o Cristo crucificado por Marianne na cruz. Ainda não sabemos se essa tão ousada charge política provocou escândalo na época.

Em nossa opinião, o chargista contava com certa margem de segurança porque em 1919, e até 1960, os bogotanos conheciam muito bem uma imagem religiosa de mulher crucificada que reconheciam como o símbolo da Liberdade.

Rompendo o silêncio que mantinha a esse respeito desde sua fundação em 1902, a Academia de História informa em 1917, pela primeira vez, que concorreu à tradicional (*sic*) procissão de Santa Librada. Com as novas técnicas de

impressão de fotos e a progressiva ascensão dos liberais, as procissões saltam aos nossos olhos acostumados à penumbra dos arquivos. A partir de 1920, a Academia organiza os festejos pátrios; em 1922, a crônica “Un cincuentenario memorable”, sobre a procissão de 1872, com fotos eloquentes, afirmava:

Nació entonces la procesión de Santa Librada y del Cristo de los Mártires, que vemos invariablemente [*sic*] salir el 19 de julio de la Veracruz. Su iniciador fue el actual Arzobispo Metropolitano.²⁴

A procissão, que praticamente se institucionalizou por três décadas, inseria-se no projeto historiográfico da Academia que, para entronizar Nariño e Santander como os pais fundadores da nação colombiana, valorizava a memória dos festejos pátrios dos liberais gólgotas encobertos desde a Regeneração.²⁵ Subitamente, muitas fotos das procissões de Santa Librada passam a circular anualmente nos jornais por todo o país. Tais imagens nos parecem mais modernas – seguramente assim pensaram muitos leitores da época – na medida em que mais legendas e textos as descrevem como acontecimentos tradicionais. São elementos singulares, instantes pontuais do processo de produção de tradições em escala industrial, de cima para baixo, entreaberto para certas demandas sociais; rituais buscando sacralizar a coesão social e explicitar as condições de admissão das massas de migrantes rurais recém-chegadas à comunidade moderna, metropolitana e nacional. Registros fílmicos dessas procissões certamente esperam pelos pesquisadores.



El Tiempo, 20 jul. 1931, p.12.

O consenso começa a quebrar-se em 1951, quando o presidente da Junta Nacional de Festejos Pátrios deplorou a ausência de muitos colegas acadêmicos, bem como dos estudantes dos colégios e principalmente da Escola Militar na procissão; distribuiu uma enérgica nota de protesto, com cópia para os ministros da Educação e da Guerra.²⁶

Mais que uma clivagem política (mesmo que a procissão sempre fosse mais visível na imprensa liberal), o incidente de 1951 assinala uma decisão de ruptura por parte da alta hierarquia católica. Em toda sua longa existência, *El Catolicismo*, órgão oficial, nunca mencionou os rituais patrióticos de Santa Librada. Talvez porque, sobre o arcebispo Vicente Arbeláez e seus assessores Joaquín Pardo Vergara e Bernardo Herrera Restrepo (que veio a ser o arcebispo de Bogotá de 1891 a 1928), que reuniram Santa Librada e o Cristo dos Mártires em 1872 criando um novo modelo para a comemoração do 20 de julho, pesava a suspeita de que seriam maçons.²⁷ O conflito aberto na festa de 20 de julho de 1951 ocorreu quando terminava o episcopado de Ismael Perdomo Borrero (de 1928 a 1950) e assumia suas funções o cardeal arcebispo Crisanto Luque Sánchez (1950 a 1959). As procissões prosseguiriam somente até 1957.

Durante a ditadura de Rojas Pinilla (1953-1957) a militarização dos festejos pátrios se acelera e muitas fotos, cada vez mais elaboradas, parecem querer dar mais atenção ao Cristo dos Mártires que à imagem crucificada de Santa Librada. Por sua parte, a imprensa católica ignora ostensivamente a procissão, enfatizando a festa e a imagem da Virgem do Carmo. Nas missas do dia 20 de julho os sacerdotes já não rezam mais em memória de Santa Librada, substituída por São Vicente de Paulo, culminação de um silencioso processo de substituição iniciado na década de 1860.



Finalmente Santa Librada desaparece dos festejos pátrios em 1958, quando a Junta Militar negociava a transição ao regime civil da Frente Nacional. Um ano depois, dois meses e meio após a morte do cardeal Crisanto Luque, talvez dirigindo-se a quem esperava voltar a encontrar em seu lugar as costumeiras fotos da tradicional procissão de Santa Librada, um grande jornal conjugou duas fotos na primeira página e explicou:

Arriba dos pequeños gamines cogidos de la mano y ambos con el pie al suelo, marchan seriamente al lado de los marciales muchachos de los colegios participantes. Nótese el gesto extrañado del joven de anteojos, que mira sorprendido a sus espontáneos compañeros. Abajo un sacerdote toca con vitalidad la trompeta, acompañando a la banda de guerra de su colegio con la conocida marcha del “Río Kwai”.²⁸

A ritualização das novas expectativas de futuro – marcha de crianças e jovens rumo ao progresso e a modernidade, ao som das trombetas da Igreja que preparava o Concílio Vaticano II – substituiu de agora em diante o ritual cívico-religioso de Santa Librada penosamente ancorado na experiência e na memória das gerações anteriores.

Passados cinquenta anos, em julho de 2009 a velha Casa del Florero recebeu por alguns dias a imagem do Cristo dos Mártires, generosamente cedida pela autoridade religiosa. Os dois protagonistas centrais das esquecidas procissões de Santa Librada, separados desde julho de 1957, voltaram a estar juntos na exposição “¡Santa Libertad! Memoria y olvido de una imagen femenina de la Independencia”.²⁹ Talvez, quem sabe, eles voltem a reunir-se em 2013!



NOTAS

¹ BISLENGHI, Attilio. *Luces y Sombras: mil años de amor y devoción a Santa Librada*. Sigüenza: Gráficas Carpintero, 2003; ÁVILA, Ana. *Imágenes y símbolos en la arquitectura pintada española (1470-1560)*. Barcelona: Anthropos Ed., 1993; RAMOS GÓMEZ, Francisco Javier. *Juan de Soreda y la pintura del Renacimiento en Sigüenza*. Guadalajara: Diputación, 2004; DÍAZ TENA, María Eugenia. La vida de Santa Librada y su fuente medieval. *Culturas Populares. Revista Electrónica*, Alcalá de Henares: Centro de Estudios Cervantinos, n.8, 2009. Disponível em: www.culturaspopulares.org/textos8/articulos/diaz.pdf.

² Acerca do *Volto Santo* de Lucca e a mudança da sensibilidade religiosa do cristianismo latino perante as imagens, cf. SCHMITT, Jean-Claude. *O corpo das imagens: ensaios sobre a cultura visual na Idade Média*. Bauru: Edusc, 2007; FRIESEN, Ilse E. *The female crucifix: images of St. Wilgefortis since the Middle Ages*. Watterloo: Wilfrid Laurier University Press, 2001.

³ PALMA, Ricardo. La fundación de Santa Liberata. In: _____. *Tradiciones peruanas*. Barcelona: Montaner y Simón, 1893, p.291-295; NAVARRO, José Gabriel. *Contribuciones a la Historia del Arte en el Ecuador*, v.IV. Quito: La Prensa Católica, 1952, p.200; VALLÍN MAGAÑA, Rodolfo; VARGAS MURCIA, Laura. *Iglesia de San Juan de Dios*. Bogotá: Arquidiócesis de Bogotá, 2004, p.79.

⁴ POSADA, Eduardo. Fastos de Santafé. *Boletín de Historia y Antigüedades*, Bogotá: Academia de Historia, v.XIV, n.58, p.123-128, 1922.

⁵ HIGUERUELA DEL PINO, Leandro. La Iglesia y las Cortes de Cádiz. *Cuadernos de Historia Contemporánea*, Madrid: Universidad Complutense, v.24, n.68, p.61-80, 2002; GONZÁLEZ CHANTOS Y ULLAURI, Diego Eugenio. *Santa Librada: virgen y mártir, patrona de la santa iglesia, ciudad y obispado de Sigüenza: vindicada*. Madrid: Imprenta de la Administración del Real Arbitrio, 1806; CROISSET, Jean. *Año Cristiano, ó ejercicios devotos para todos los dias del año [julio]*. Barcelona: Librería Religiosa, 1854, p.384; PÉREZ GALDOZ, Benito. *Juan Martín: el empecinado*. Madrid: Susesores de Hernando, 1916.

⁶ *La Constitución Feliz. Periódico político y económico de la Capital del Nuevo Reyno de Granada*. Bogotá, 17 ago. 1810, p.2.

⁷ CABALLERO, José María. *Diario de la Patria Boba*. Bogotá: Imprenta Nacional, 1902, p.90-91. Parece que o sermão de frei José Antonio Chavarría não foi impresso.

⁸ REY, Juan Ricardo. *Los indígenas europeos: la “India de la libertad”*. Bogotá: Museo Nacional, 2007.

⁹ *Sermón que en la fiesta de Santa Librada hecha en obsequio del Exmo. Señor Presidente Don Antonio Nariño por el ilustre cabildo de la villa de Bogotá, pronunció el Padre Francisco Florido de la Orden de San Francisco, el día 3 de enero de 1812*. Santa Fe de Bogotá: Imprenta de D. Bruno Espinosa, 1812. Esse eclesiástico patriota é conhecido por sua *Velada de las 13 tesis* em homenagem a Simón Bolívar, em 1819.

¹⁰ CABALLERO, 1902, p.90-91 e 137-140. Sobre a importância da *damnatio memoriae*

nesse contexto, cf. LOMNÉ, Georges. Las ciudades de la Nueva Granada: teatro y objeto de los conflictos de la memoria política (1810-1830). Bogotá: Universidad Nacional de Colombia. *Anuario Colombiano de Historia Social y de la Cultura*, n.21, p.115-135, 1993. Ver em CABALLERO (p.144) o ritual de dessacralização e destruição de uma bandeira espanhola (31 ago. 1813).

¹¹ CABALLERO, 1902, p.139-140. Esse seria um segundo sermão do franciscano frei Francisco Florido dedicado à santa (ver nota 10).

¹² ESCALANTE, Miguel Antonio. *Novena a la Gloriosa Virgen y Mártir Santa Librada, Patrona, Protectora y Libertadora de los Ciudadanos de la Nueva Granada, redactada por Fray Miguel Antonio Escalante, presbítero de la orden hospitalaria del Patriarca San Juan de Dios*. Bogotá: Imprenta del C. B. Espinosa, 1815; ROMERO, Mario G. Novenas políticas en la Independencia. *Boletín de Historia y Antigüedades*, Bogotá: Academia de Historia, v.XLVII, n.549-551, p.477-487, 1960.

¹³ CABALLERO, 1902, p.181-183.

¹⁴ *Sermón que en la solemne festividad del 20 de julio, aniversario de la libertad de la Nueva Granada predicó en la Santa Iglesia Metropolitana el Ciudadano Dr. Juan Fernández de Sotomayor, Representante al Congreso de las Provincias Unidas por la de Cartagena y en este Obispado Cura Rector y Vicario Juez Eclesiástico de la Ciudad Valerosa de Mompox*. Bogotá: Imprenta del C. B. Espinosa, 1815. OCAMPO FLÓREZ, Javier. *Catecismos políticos en la independencia de Hispanoamérica*. Tunja: Universidad Pedagógica y Tecnológica de Colombia, 1988.

¹⁵ LOMNÉ, 1993, mostra como o sentido das comemorações do 20 de julho em 1821 e 1822 se deslocou para a celebração das vitórias de Carabobo e Pichincha; não havia mais lugar para a memória das virtudes civis da Pátria Boba, não houve honras fúnebres ao cadáver de Antonio Nariño em 1824.

¹⁶ *Decreto sobre conmemoración de la Conspiración Septembrina*. Folheto exposto na exposição virtual “Impresiones de la Independencia: Proclamas, bandos y hojas volantes”. Bogotá: Biblioteca Nacional, 2010. Disponível em: huellas.bibliotecanacional.gov.co/index.php?idcategoria=38869.

¹⁷ TAMAYO, Joaquín. *Don Tomás Cipriano de Mosquera*. Bogotá: Cromos, 1944; MOSQUERA, Tomás Cipriano de. *Memoria sobre la vida del general Simón Bolívar Libertador de Colombia, Perú y Bolivia*. Bogotá, Imprenta Nacional, 1954.

¹⁸ GONZÁLEZ PÉREZ, Marcos. La fiesta republicana del siglo XIX. In: *Fiesta y nación en Colombia*. Bogotá: Cooperativa Editorial Magisterio, 1998, p.49-71. Bogotá: *El Neogranadino*, 1849, p.321-322.

¹⁹ Bogotá: *El Neogranadino*, 1849, p.65; Bogotá: *La Crónica Mensual*, 1849, p.69.

²⁰ Bogotá: *Gaceta Oficial*, 1850, p.425-426.

²¹ *Panejórico de Santa Librada Predicado en la Iglesia Catedral el 20 de julio de 1855 por el*

Dr. Paulino A. Olivos Cura Interino de la Catedral. Bogotá: Imprenta de Francisco Torres Amaya, 1855.

²² SALVADOR GONZÁLEZ, José María. Construcción de un imaginario nacionalista mediante la estatuaría pública en la Venezuela de Antonio Guzmán Blanco (1870-1888). In: *Teoría e historia de los nacionalismos*. Universidad de Oviedo: Asociación de Jóvenes Historiadores, 2006, p.546-557. Disponível em:

eprints.ucm.es/7063/1/OVIEDO_Jov_Histor_PONENCIA_NACIONALISMOS.pdf.

²³ GONZÁLEZ RUIZ, Sergio. *Veintiséis leyendas panameñas*. Panamá: Autoridad del Canal. Colección Biblioteca de la Nacionalidad, 1999.

²⁴ Bogotá: *El Gráfico*, 22 jul. 1922, p.101-103.

²⁵ GHOTME, Rafat Ahmed. Santanderismo, antisantanderismo y la Academia Colombiana de Historia: la operación histórica en el proceso de construcción de la nación en Colombia, 1910-1970. *Anuario Colombiano de Historia Social y de la Cultura*, Bogotá: Universidad Nacional de Colombia, n.34, p.121-164, 2007.

²⁶ *Boletín de Historia y Antigüedades*, Bogotá: Academia de Historia, v.XXXVIII, n.441-443, p.510, 1951.

²⁷ CORDOVEZ MOURE, José María. *Reminiscencias de Santafé y Bogotá*. Bogotá: Imprenta del Telegrama, 1895, p.444; MARQUES VILLAMIL, Martha Isabel. *Monseñor Bernardo Herrera Restrepo en la vida política colombiana*. Bogotá: Universidad de la Sabana. Facultad de Comunicación Social y Periodismo, 1986, p.78.

²⁸ Bogotá: *El Siglo*, 19 jul. 1959, p.1.

²⁹ O *folder* da exposição está disponível em: www.quintadebolivar.gov.co/museoindependencia/otrasExposiciones/plegablesantalibrada.pdf.